

## MERCADO DE TRABALHO

# Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

### Sumário

Os principais indicadores recentes de emprego no país demonstram que a trajetória de retomada do mercado de trabalho brasileiro se intensificou ao longo dos últimos meses, combinando crescimento da população ocupada e redução da desocupação, mesmo em um contexto de expansão da força de trabalho. Em abril, na série mensal extraída<sup>1</sup> da série trimestral da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, a taxa de desocupação ficou em 9,5%, recuando de forma significativa na comparação com o mesmo período de 2021 (14,4%). Em termos dessazonalizados, a taxa de desocupação de 9,4%, apurada em abril, se encontra no menor patamar desde outubro de 2015.

Assim como vem ocorrendo desde o início de 2021, esse movimento de redução da taxa de desocupação é decorrente da recuperação da população ocupada, cujo contingente, em abril, chegou a 97,8 milhões de trabalhadores, atingindo o maior patamar já apurado pela pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), iniciada em 2012. Na comparação com o mesmo período de 2021, a população ocupada registra alta de 10,8%, enquanto na série livre de sazonalidade, o montante é 2,1% maior que o registrado em março. Por conseguinte, esta expansão da população ocupada também vem gerando uma melhora na proporção de ocupados em relação ao total da população em idade ativa, que registra 57,1% em abril, o que representa o melhor resultado desde fevereiro de 2014. Nota-se ainda que, nos últimos meses, este efeito positivo do bom desempenho da ocupação sobre a redução do desemprego poderia ser ainda maior, se não fosse o aumento da taxa de participação,<sup>2</sup> impulsionada por um crescimento maior da força de trabalho. Segundo os dados dessazonalizados, a força de trabalho brasileira avançou 3,7% entre janeiro – mês no qual o país sofria com o avanço da variante ômicron – e abril de 2022, quando chegou a 109,1 milhões de pessoas, alcançando o maior contingente já apurado pela pesquisa.

A análise dos dados da PNAD Contínua revela ainda que a expansão da ocupação vem ocorrendo de forma generalizada, abrangendo todas as regiões, todos os segmentos etários e educacionais e todos os setores da economia. Novamente, no primeiro trimestre de 2022, o crescimento da população ocupada foi mais intenso entre os trabalhadores mais jovens e aqueles com ensino fundamental. Na com-

### Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

### Carlos Henrique Corseuil

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

carlos.corseuil@ipea.gov.br

### Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

lauro.ramos@ipea.gov.br

### Felipe Mendonça Russo

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

felipe.russo@ipea.gov.br

Divulgado em 24 de junho de 2022.

1. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Hecksher, disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200409\\_nota\\_tecnica\\_n\\_62\\_disoc.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200409_nota_tecnica_n_62_disoc.pdf)>.

2. Total de pessoas ocupadas ou procurando ocupação (isto é, a população economicamente ativa ou força de trabalho) em relação à população em idade ativa.

paração interanual, a ocupação entre os jovens avançou 16,4% no período, possibilitando uma queda de 7,2 pontos percentuais (p.p.) da taxa de desocupação deste segmento, que recuou de 30%, em 2021, para 22,8%, em 2022. No caso dos ocupados com ensino fundamental incompleto, a expansão de 14,3% originou a queda de 3,2 p.p., da taxa de desocupação – que passou de 14,0% para 10,8%, no período em questão. Por fim, a abertura setorial revela que a continuidade do processo de recuperação, iniciado nos setores mais sensíveis às medidas de afastamento social, se alastrou para os demais segmentos. No primeiro trimestre do ano, seis dos treze setores pesquisados apresentaram crescimento da ocupação superior a 10%, com destaque para os segmentos de alojamento e alimentação (32,5%), serviços pessoais (19,5%) e serviços domésticos (19,4%).

Assim como vem ocorrendo com a ocupação, a melhora dos indicadores de subocupação e desalento ratificam este cenário de recuperação do mercado de trabalho no país. Em abril, o conjunto de trabalhadores que se declararam subocupados era de 6,4 milhões, ou seja, 6,5% do total da ocupação, o que significa uma queda de 1,7 p.p. em relação ao apontado em abril de 2021. No caso do desalento, observa-se que o contingente de aproximadamente 4,2 milhões, registrado em abril, é o menor já apontado desde setembro de 2017. Logo, a proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho recuou de 5,1% para 3,7%, entre abril de 2021 e de 2022.

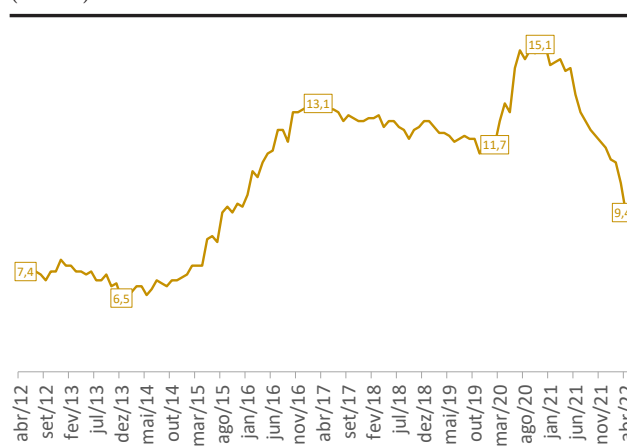
Vale ressaltar, no entanto, que mesmo diante desta melhora mais expressiva nos últimos meses, o mercado de trabalho brasileiro ainda apresenta uma série de desafios a serem superados. Não obstante ao fato de que o país ainda possui um contingente de aproximadamente 11 milhões de desempregados, é preciso salientar que, apesar da recuperação mais forte do emprego formal, a maior parte das novas vagas ainda está sendo gerada nos segmentos informais da economia. No último trimestre móvel, encerrado em abril de 2022, segundo a PNAD Contínua, enquanto o montante de trabalhadores com carteira avançou 11,6%, na comparação interanual, o contingente de ocupados sem carteira cresceu 20,8%.

## 1 Aspectos gerais

Os dados mais recentes mostram que o mercado de trabalho brasileiro vem surpreendendo favoravelmente, ao longo de 2022, refletindo uma expressiva redução da desocupação, possibilitada pela forte expansão da população ocupada, mesmo em um contexto de aceleração da taxa de participação. Em abril, após a mensalização das séries trimestrais extraídas da PNAD Contínua, a taxa de desocupação ficou em 9,5%, recuando 4,9 p.p. na comparação interanual. Em termos dessazonalizados, a desocupação de 9,4%, em abril, é 1,0 p.p. inferior à apontada em março e a menor já registrada desde outubro de 2015 (gráfico 1).

Assim como vem ocorrendo desde o início de 2021, esse movimento de redução da taxa de desocupação é decorrente da recuperação da população ocupada, cujo contingente, em abril, chegou a 97,8 milhões de trabalhadores, atingindo o maior patamar já apurado pela pesquisa do IBGE, iniciada em 2012. Na comparação com o mesmo período de 2021, a população ocupada registra alta de 10,8%. Já na série livre de sazonalidade, o

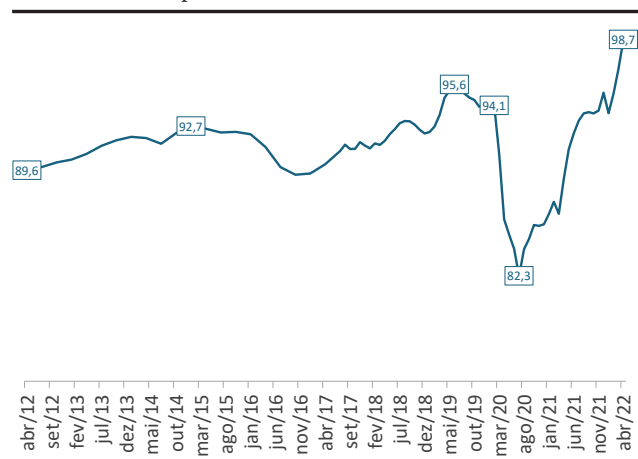
GRÁFICO 1  
Taxa de desocupação dessazonalizada  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

total de ocupados no país também é recorde e o montante de 98,7 milhões de trabalhadores, em abril de 2022 é 2,1% maior que o registrado em março (gráfico 2). Como esperado, esta expansão da população ocupada também vem gerando uma melhora do nível de ocupação no mercado de trabalho. Em abril, a proporção de ocupados em relação ao total da população em idade ativa era de 57,1%, o que representa o melhor resultado desde fevereiro de 2014 (gráfico 3).

**GRÁFICO 2**  
**População ocupada: dados dessazonalizados**  
(Em milhões de pessoas)



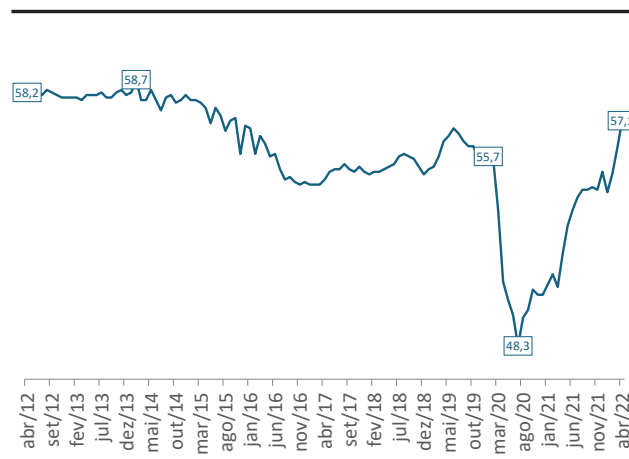
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Deve-se pontuar, ainda, que, nos últimos meses, este efeito positivo do bom desempenho da ocupação sobre a redução do desemprego ocorre mesmo em um cenário de aumento da taxa de participação,<sup>3</sup> impulsionada por um crescimento maior da força de trabalho. Segundo os dados dessazonalizados da PNAD Contínua, a força de trabalho brasileira avançou 3,7% entre janeiro – mês no qual o país sofria com o avanço da variante ômicron – e abril de 2022, quando chegou a 109,1 milhões de pessoas, o que vem a ser o maior contingente já apurado pela pesquisa (gráfico 4). Por conseguinte, a taxa de participação subiu de 61,1 % para 63,1% no mesmo período (gráfico 5).

Assim como vem ocorrendo com a desocupação, os dados mais recentes também sinalizam uma queda consistente da população subocupada<sup>4</sup> no mercado de trabalho. Em abril, o conjunto de trabalhadores que se declararam subocupados era de 6,4 milhões, ou seja, 6,5% do total da ocupação, o que significa uma queda de 1,7 p.p. em relação ao apontado em abril de 2021 (gráfico 6). Consequentemente, a taxa combinada de desocupação e subocupação também registra forte desaceleração nos últimos meses e já se encontra em nível abaixo da observada antes da pandemia (gráfico 7).

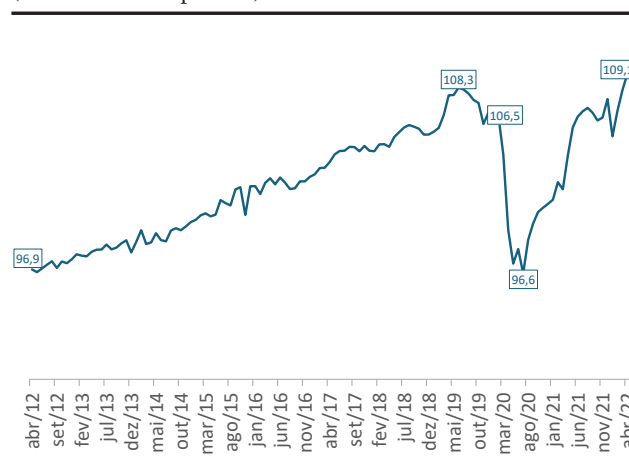
3. Total de pessoas ocupadas ou procurando ocupação (isto é, a população economicamente ativa ou força de trabalho) em relação à população em idade ativa.  
4. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere a população que está trabalhando menos de 40 horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

**GRÁFICO 3**  
**Taxa de ocupação dessazonalizada**  
(Em %)



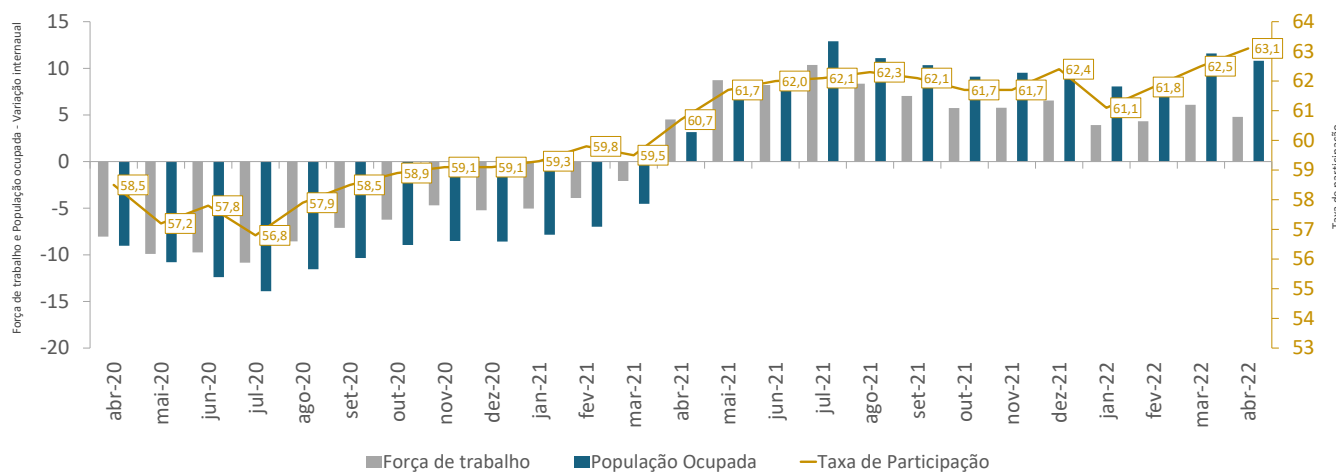
Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Discoc/Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 4**  
**Força de trabalho: dados dessazonalizados**  
(Em milhões de pessoas)



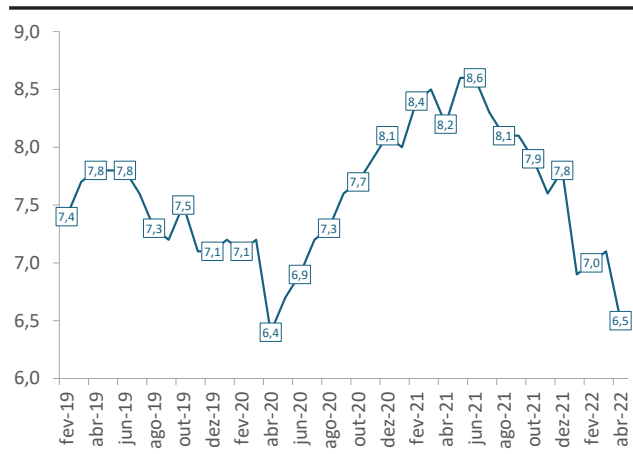
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 5**  
**Indicadores do mercado de trabalho**  
(Em %)



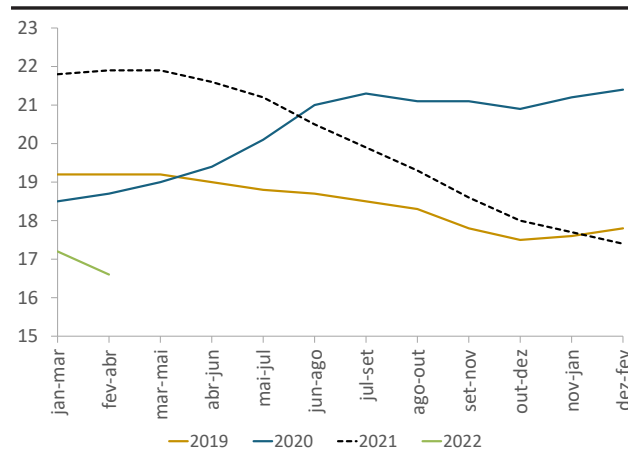
Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 6**  
**Subocupados em relação à população ocupada total**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 7**  
**Taxa combinada de desocupação e subocupação**  
(Em %)



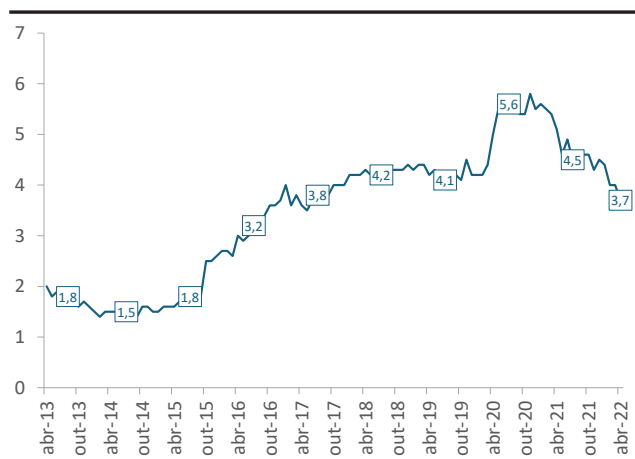
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Ainda dentro desse contexto de melhora do cenário de emprego no país, observa-se uma contínua retração do desalento. Em abril de 2022, o conjunto de desalentados no país somava aproximadamente 4,2 milhões, ou seja, o menor já apontado desde setembro de 2017 (4,1 milhões). Dessa forma, a proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho apontou novo recuo, passando de 5,1% em abril de 2021 para 3,7% em março de 2022 (gráfico 8).

Por certo, esta queda do desalento é reflexo de uma percepção mais positiva da população em relação às condições do mercado de trabalho, impulsionada pelo aumento no ritmo de criação de novas vagas. Entretanto, em que pese o fato de que há em curso um movimento de forte recuperação do emprego formal, a maior parte das novas vagas ainda está sendo geradas nos segmentos informais da economia. Segundo a PNAD Contínua, no trimestre móvel, encerrado em abril de 2022, o montante de trabalhadores com carteira avançou 11,6%,

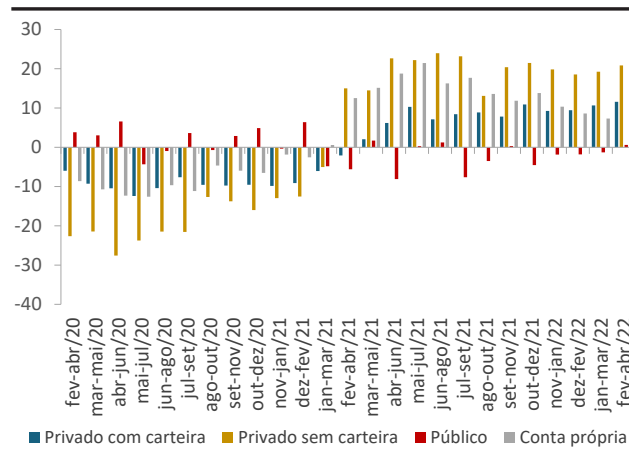
na comparação interanual, enquanto o contingente de ocupados sem carteira aumentou 20,8%. No caso dos ocupados no setor público e por conta própria, as taxas de expansão observadas foram de 0,6% e 7,2%, respectivamente (gráfico 9).

**GRÁFICO 8**  
Desalentados em relação à população fora da força de trabalho  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

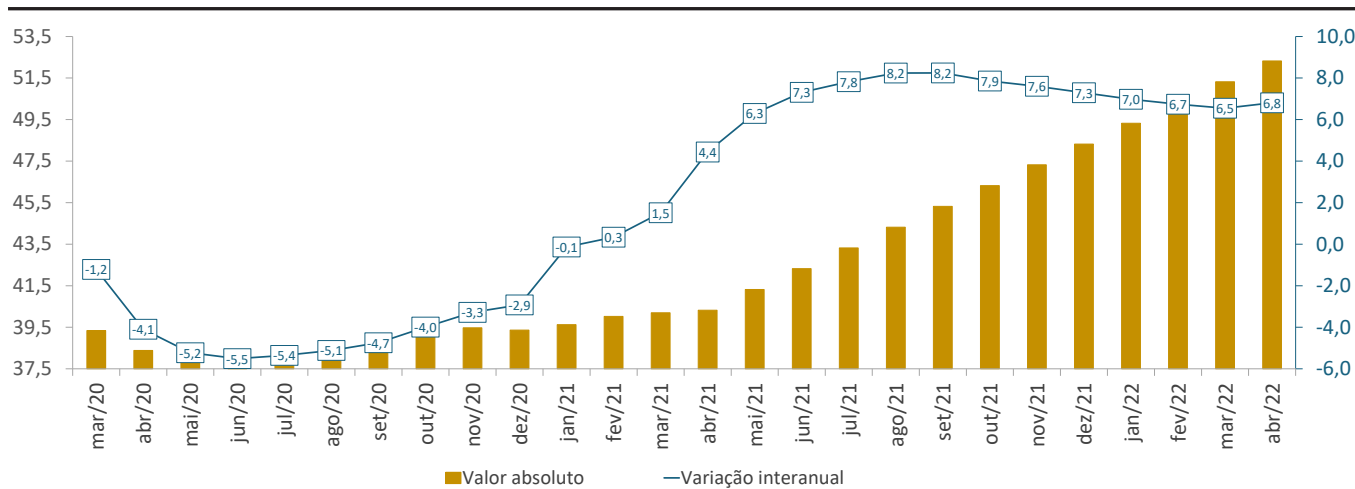
**GRÁFICO 9**  
População ocupada por vínculo empregatício (taxa de variação interanual)  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De modo semelhante ao retratado pela pesquisa do IBGE, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) corroboram esta retomada do emprego formal. Segundo as estatísticas divulgadas pelo Ministério do Trabalho, nos últimos doze meses, encerrados em abril de 2022, a economia brasileira gerou mais de 2,64 milhões de novas vagas com carteira assinada. Desta forma, o estoque de trabalhadores formais informado pelo Caged, em abril, chegou a 52,3 milhões, o que representa uma alta de 6,8% na comparação com o mesmo período do ano anterior (gráfico 10).

**GRÁFICO 10**  
Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual  
(Em %)



Fonte: Caged/Secretaria de Trabalho.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



## 2 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

A estrutura da PNAD Contínua permite que domicílios e seus moradores sejam entrevistados por até cinco vezes, sempre com intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. A comparação da informação fornecida em duas entrevistas consecutivas pode ser muito útil para entender os ajustes observados no mercado de trabalho, na medida em que permite quantificar as transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos entre as entrevistas.<sup>5</sup> Logo, pode-se investigar os aspectos determinantes para a evolução da ocupação e do desemprego a partir de uma ótica dinâmica, onde os fluxos são privilegiados em contrapartida aos estoques, com base nas transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos no mercado de trabalho.

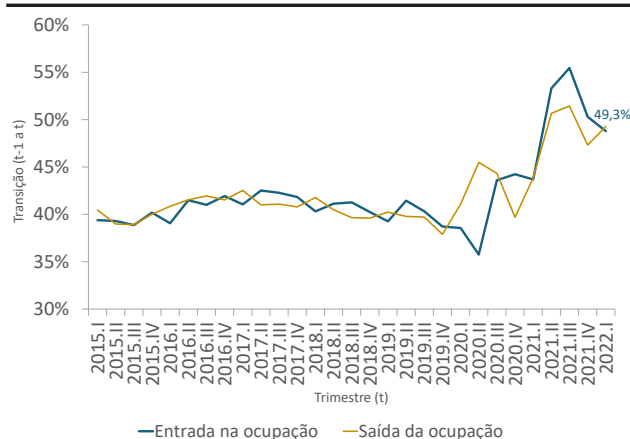
### 2.1 Fluxos determinantes para ocupação

O gráfico 11 mostra os fluxos de entrada e saída para a população ocupada,<sup>6</sup> que são normalizados pela população ocupada estimada no primeiro dos dois trimestres considerados para identificar o respectivo fluxo. A diferença entre as duas linhas do gráfico é equivalente, por construção, ao crescimento percentual da população ocupada no respectivo trimestre, de onde se depreende duas constatações. Inicialmente, nota-se que, entre o quarto trimestre de 2021 e o primeiro trimestre de 2022, houve tanto uma redução no fluxo de entrada para a ocupação (de 50,3% para 48,8%) quanto um aumento no fluxo de saída (de 47,3% para 49,3%). Embora essa movimentação possa ser entendida como um sinal contraditório à recuperação recente do mercado de trabalho, ela ratifica o padrão típico verificado nos primeiros trimestres de cada ano retratado na PNAD Contínua.

A segunda constatação refere-se ao fato de que tanto o fluxo de entrada como o de saída registram no primeiro trimestre de 2022 valores muito superiores àqueles registrados no primeiro trimestre de 2021. Naquela ocasião, os referidos fluxos apontaram valores próximos a 44%, enquanto no primeiro trimestre de 2022, os valores estão próximos a 49%. Logo, observa-se que, por trás da variação na população ocupada no Brasil, há uma intensa turbulência no mercado de trabalho, com um contingente de quase metade da população ocupada saindo de seus postos de trabalho e um outro contingente de mesma magnitude entrando.

Nota-se, ainda, que tanto o fluxo de entrada como o de saída da ocupação pode ser desagregado de acordo com as demais posições do indivíduo no mercado de trabalho: desempregado, inativo e fora da amostra da PNAD Contínua. De acordo com o gráfico 12, que retrata a evolução desses componentes no fluxo de entrada na ocupação, verifica-se que, no primeiro trimestre de 2022, há um crescimento do fluxo de entrada na ocupação proveniente tanto do desemprego (de 1,6% para 2,1%) como da inatividade (de 2,0% para 3,7%). Ou seja, se a análise fosse restrita a indivíduos identificados na amostra da PNAD Contínua, nos dois trimestres

GRÁFICO 11  
Fluxos de saída e entrada para ocupação após o primeiro trimestre  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

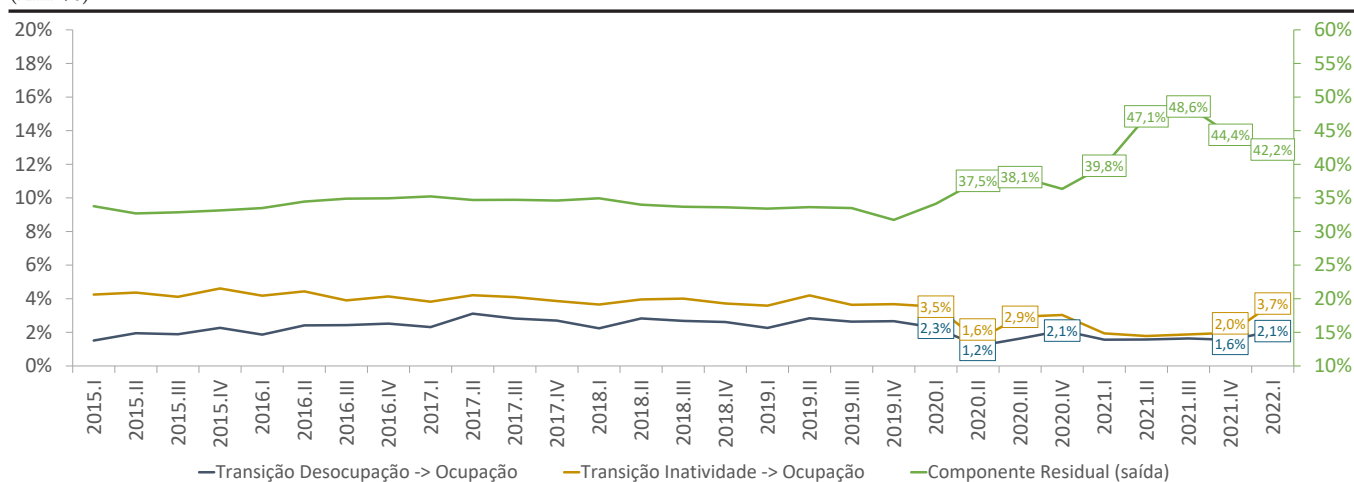
Obs.: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entraram na amostra como ocupados e indivíduos que transitaram da não ocupação para ocupação. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram ocupados e saíram da amostra e aqueles que transitaram da ocupação para não ocupação.

5. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio de forma, que para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo, foi usado também o gênero e data de nascimento dos entrevistados.

6. Além disso, foi calculado o saldo da soma de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando esse saldo no trimestre é positivo ele é acrescido na série das entradas, quando for negativo na série das saídas.

consecutivos utilizados para construir os fluxos, a conclusão seria de um crescimento no fluxo de entrada na ocupação. No entanto, esses movimentos são mais do que compensados por uma queda do fluxo de indivíduos que estavam fora da amostra da PNAD Contínua e passam a compor a amostra já na condição de ocupados (de 46,8% para 43,0%). Vale ressaltar que esse fluxo proveniente de fora da amostra da PNAD Contínua para a evolução da população ocupada sempre apresentou magnitudes relativamente altas, mas estáveis. No entanto, a partir da pandemia, este fluxo passou a registrar variações mais voláteis.

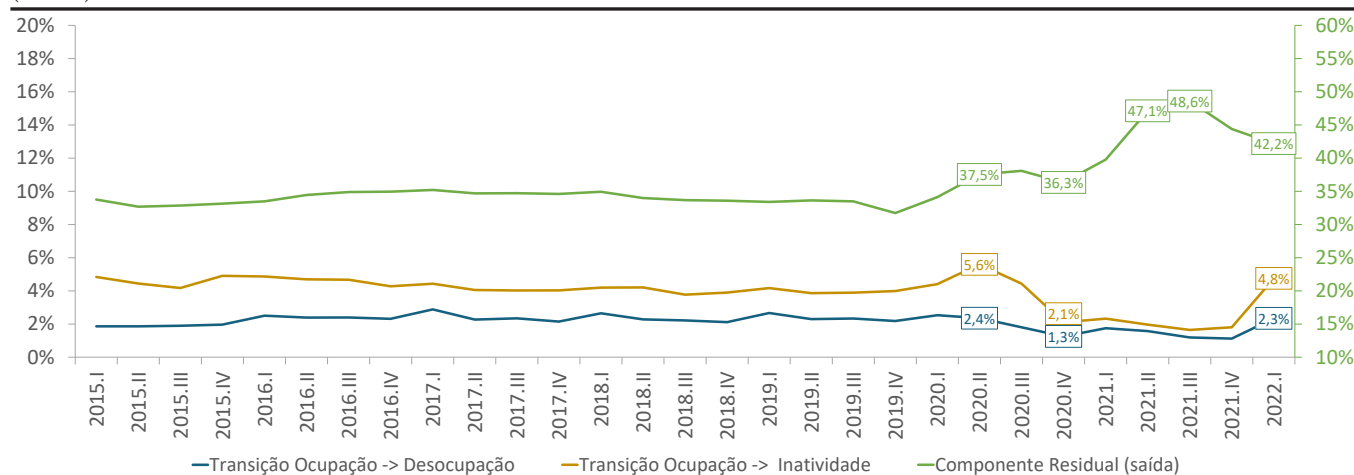
**GRÁFICO 12**  
**Decomposição das entradas para ocupação após o primeiro trimestre**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De forma análoga, o gráfico 13 mostra a evolução dos componentes para a evolução do fluxo de saída da ocupação, no qual se identifica que, no primeiro trimestre de 2022, há um crescimento do fluxo de saída da ocupação com destino tanto para o desemprego (de 1,1% para 2,3%) quanto para a inatividade (de 1,8% para 4,8%). Entretanto, esses movimentos são parcialmente compensados por uma queda do fluxo de indivíduos que estavam ocupados e passam a ficar de fora da amostra da PNAD Contínua (de 44,4% para 42,2%), ratificando o aumento da turbulência no mercado de trabalho em tempos recentes.

**GRÁFICO 13**  
**Decomposição das saídas para ocupação após o primeiro trimestre**  
 (Em %)

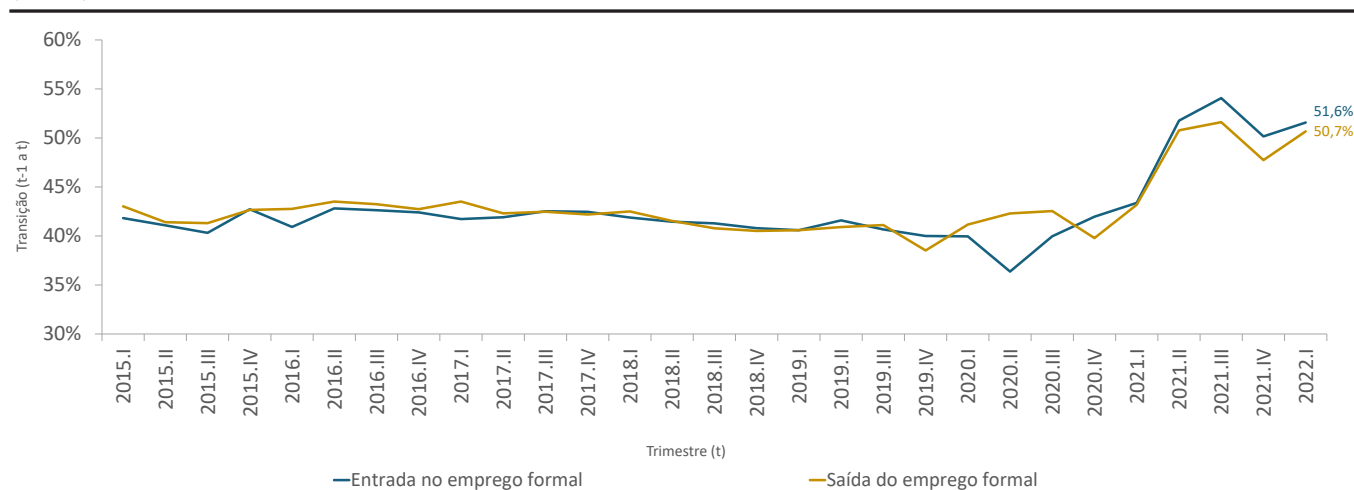


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2.2 Fluxos determinantes para empregados formais

O gráfico 14 mostra os fluxos de entrada e saída de trabalhadores para a condição de empregado formal (empregados com carteira, estatutários e militares) de forma análoga ao exposto no gráfico 11. A evolução registrada para o primeiro trimestre de 2022 é marcada por um crescimento em ambos os fluxos, cuja intensidade é maior no de saída (de 47,7% para 50,7%) comparativamente ao de entrada (de 50,2% para 51,6%). Ainda assim, essa diferença não foi suficiente para reverter o saldo positivo no emprego formal, que já vinha sendo registrado nos últimos trimestres. Vale notar que, embora o fluxo de entrada tenha crescido menos que o de saída, o simples fato de ter crescido no primeiro trimestre é algo alentador, uma vez que vai contra a tendência sazonal desse trimestre. Para compreender melhor esse comportamento atípico do fluxo de entrada mostramos a sua evolução desagregada entre fluxos provenientes de outros tipos de ocupação (informais); de fora da ocupação (desemprego ou inatividade); ou de fora da amostra da PNAD Contínua.

GRÁFICO 14  
Fluxos de saída e entrada para empregados formais após o primeiro trimestre  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

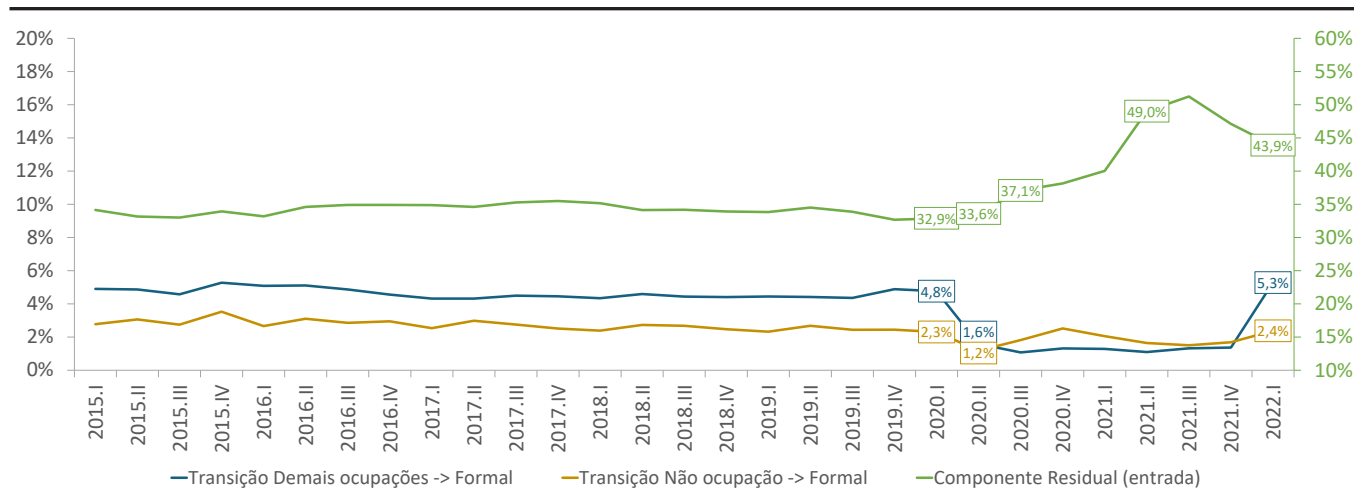
Obs.: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entraram na amostra como formais e indivíduos que transitaram da não formalidade para formalidade. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram formais e saíram da amostra e indivíduos que transitaram da formalidade para não formalidade.

Segundo o gráfico 15, verifica-se que, no primeiro trimestre de 2022, há um crescimento do fluxo de entrada para o emprego formal tanto proveniente de outras formas de ocupação (de 1,4% para 5,3%) como proveniente da condição de não ocupado (1,7% para 2,4%). No entanto, esses movimentos são parcialmente compensados por uma queda do fluxo de indivíduos que estavam fora da amostra da PNAD Contínua e ingressam já na condição de empregado formal (de 47,1% para 43,9%). Ou seja, o surpreendente crescimento do fluxo de entrada no emprego formal no primeiro trimestre seria ainda maior se não houvesse tal compensação do último componente comentado. Já o gráfico 16 revela que os componentes do fluxo de saída evoluem de forma análoga às suas contrapartes no fluxo de entrada, no primeiro trimestre de 2022. Por um lado, há crescimento nos fluxos de saída do emprego formal tendo como destino tanto outras formas de ocupação, como o estado de não ocupado. Por outro, esses movimentos são parcialmente compensados por uma queda no fluxo de pessoas que saem da amostra da PNAD Contínua estando previamente em empregos formais.



GRÁFICO 15

**Decomposição do fluxo de entrada para empregados formais após o primeiro trimestre**  
(Em %)



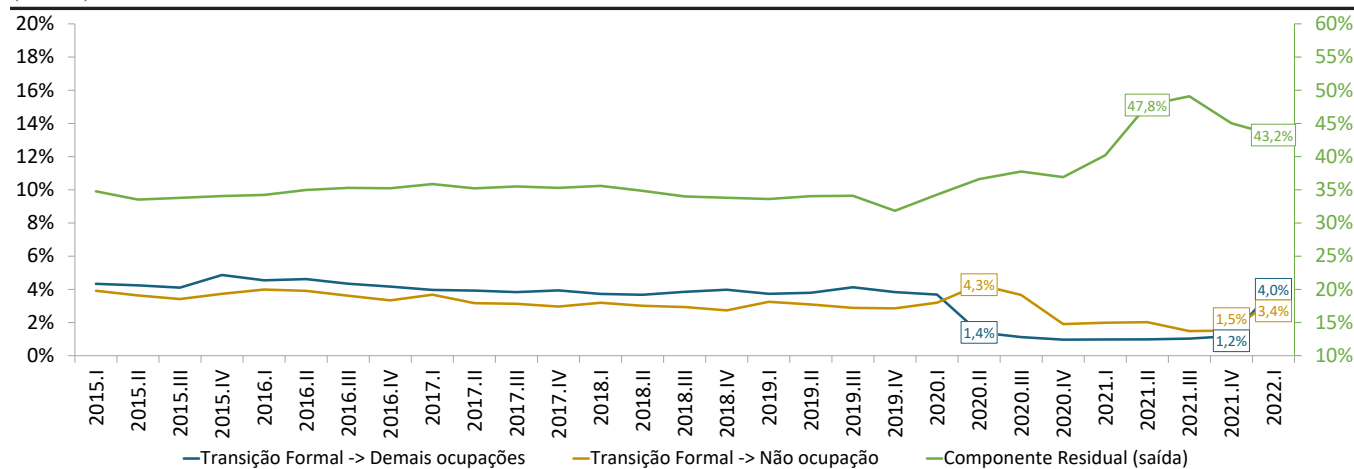
Fonte: PNAD Contínua/ IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: Nesse gráfico estão inclusos na formalidade empregados com carteira excluídos os trabalhadores domésticos.

GRÁFICO 16

**Decomposição do fluxo de saída para empregados formais após o primeiro trimestre**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

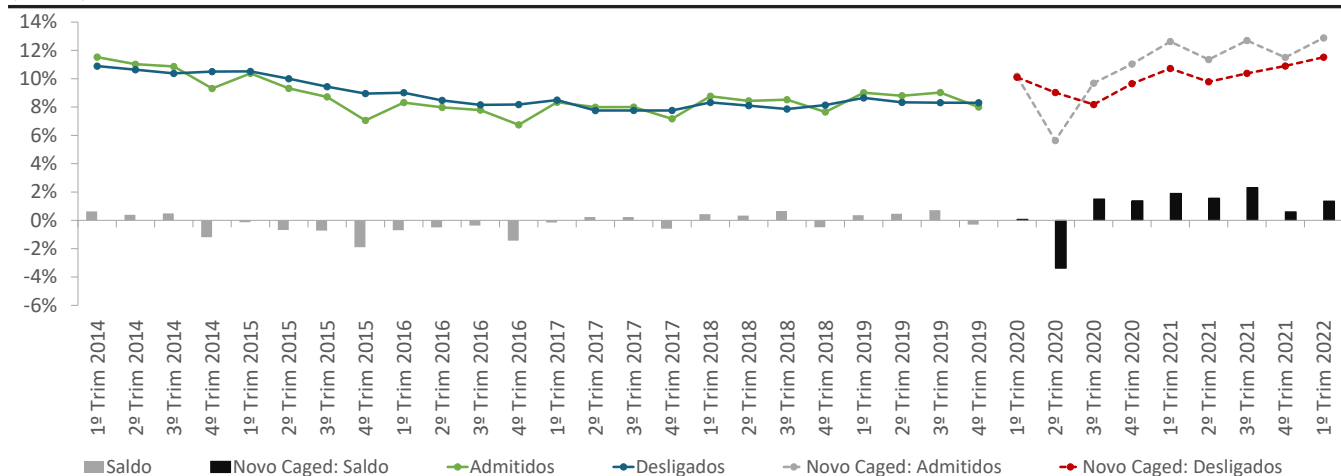
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: Nesse gráfico estão inclusos na formalidade empregados com carteira excluídos os trabalhadores domésticos.

Uma alternativa para se analisar os fluxos para a população de trabalhadores formais é o uso dos dados do Caged e do Novo Caged, a partir de 2020. O gráfico 17 mostra essas movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua. De acordo com os dados do Ministério do Trabalho, o fluxo de entrada no emprego formal (admissões) supera o fluxo de saída (desligamentos) no primeiro trimestre de 2022 (12,9% contra 11,5%), o que gera um aumento no saldo trimestral de 1,4%. Ou seja, o

aumento em ambas as movimentações no Novo CAGED reproduz o padrão reportado pela PNAD Contínua para o emprego formal. No entanto o saldo positivo é de maior magnitude no Caged.<sup>7</sup>

**GRÁFICO 17**  
**Caged: admitidos, desligados e saldo trimestralizados**  
 (Em %)



Fonte: Caged e Novo Caged / Secretaria do Trabalho, Ministério da Economia e PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

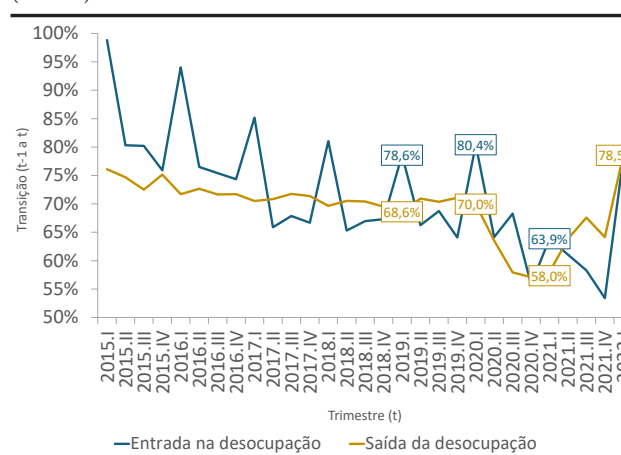
Obs.: As movimentações do Caged e Novo Caged foram normalizadas utilizando a população estimada de empregados formais (com carteira, estatutários e militares) pela PNAD Contínua do trimestre anterior.

### 2.3. Fluxos determinantes para a desocupação

No gráfico 18, que retrata a evolução dos fluxos que determinam o comportamento da desocupação, nota-se que ambas as movimentações trimestrais apresentam grande aumento no começo de 2022. A entrada na desocupação avança de 53,4% para 78%, enquanto a saída passa de 64,1% para 78,5%, gerando uma pequena diminuição na população desempregada. O aumento no fluxo de entrada no desemprego parece ser um retorno da forte influência sazonal da virada do ano observada ao longo da série histórica, à exceção de 2021. Em contrapartida, o comportamento do fluxo de saída do desemprego aponta não só um resultado recorde, como também atípico ao padrão histórico da série.

Por fim, o gráfico 19 revela a evolução dos componentes da saída do desemprego. Os dados mostram que, embora tenha ocorrido um aumento do fluxo de saída da desocupação para a ocupação (11,5% para 17,3%), houve um crescimento ainda mais intenso no fluxo para a inatividade (de 5,8% para 17,2%). Ou seja, esse resultado sugere que a saída do mercado de trabalho foi um fator determinante na redução da população de desempregados observada no trimestre.

**GRÁFICO 18**  
**Transições para dentro e fora do desemprego após o primeiro trimestre**  
 (Em %)



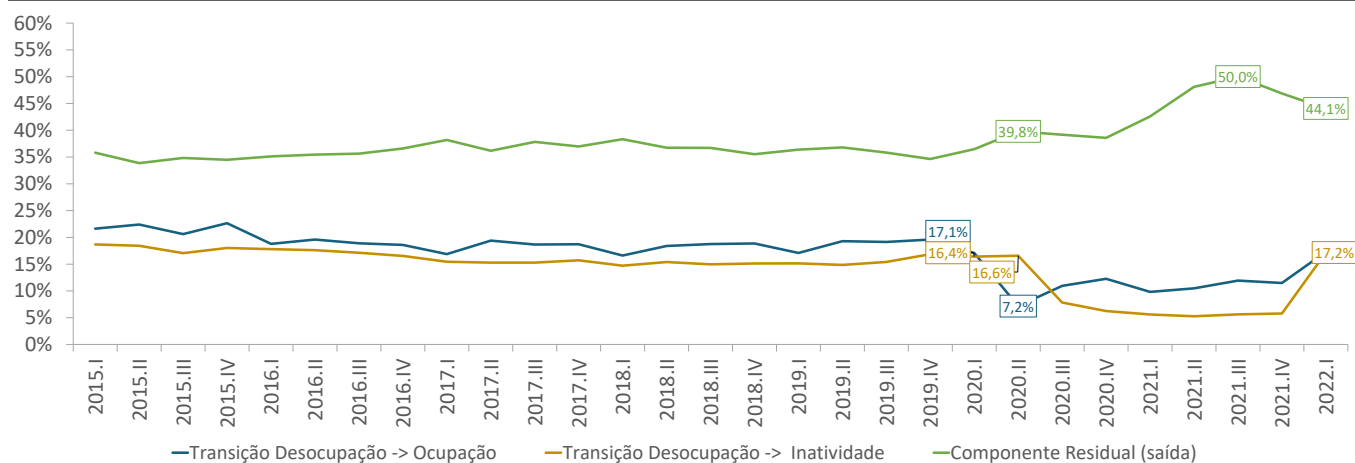
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

7. É comum um resultado mais favorável do emprego formal quando mensurado pelo Caged comparativamente à PNAD Contínua, no primeiro trimestre. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/191101\\_bmt\\_67\\_nt\\_mais\\_sobre\\_as\\_diferencas.pdf](https://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/191101_bmt_67_nt_mais_sobre_as_diferencas.pdf)>.

GRÁFICO 19

**Decomposição do fluxo de saída da desocupação após o primeiro trimestre**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3 Análise desagregada da desocupação

No primeiro trimestre de 2022, os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral mostram que a taxa de desocupação recuou, na comparação interanual, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura regional, a pesquisa mostra que, apesar de um recuo generalizado do desemprego, este foi mais intenso nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, cujas taxas de desocupação caíram 4,3 p.p. e 4,2 p.p., respectivamente, entre os primeiros trimestres de 2021 e 2022, passando de 12,8% para 8,5%, no primeiro caso, e de 15,3% para 11,1%, no segundo caso. Em termos absolutos, a menor taxa de desocupação é a da região Sul (6,5%), enquanto o maior desemprego está na região Nordeste (14,9%). Já em relação às regiões metropolitanas e não metropolitanas, houve queda do desemprego em ambos os segmentos, cujas taxas de desocupação passaram de 17,1% e 13,2% no primeiro trimestre de 2021 para 13,1% e 9,6% em 2022.

O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, a magnitude da queda do desemprego foi semelhante em ambos os sexos, de modo que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 12,2% para 9,1%, a das mulheres caiu de 18,5% para 13,7%. Já a desagregação por posição familiar indica uma desaceleração da desocupação um pouco mais forte entre os não chefes de família (13,5%, ante 18,6%) comparativamente aos chefes de família (10,4% ante 8,2%).

A abertura por idade mostra que todos os segmentos etários registraram expressiva queda na desocupação, refletindo a forte expansão da população ocupada (gráfico 20). Entre os trabalhadores mais jovens, a retração de 7,2 p.p. na desocupação entre o primeiro trimestre de 2021 (30%) e o primeiro trimestre de 2022 (22,8%) é explicada pelo aumento da ocupação (16,4%) em ritmo superior ao registrado pela população economicamente ativa (5,5%). De modo semelhante, no caso dos trabalhadores mais idosos, observa-se que, mesmo diante de um aumento de 13,5% da força de trabalho (gráfico 21), a desocupação recuou 1,6 p.p., beneficiada pela alta de 15,5% da população ocupada.

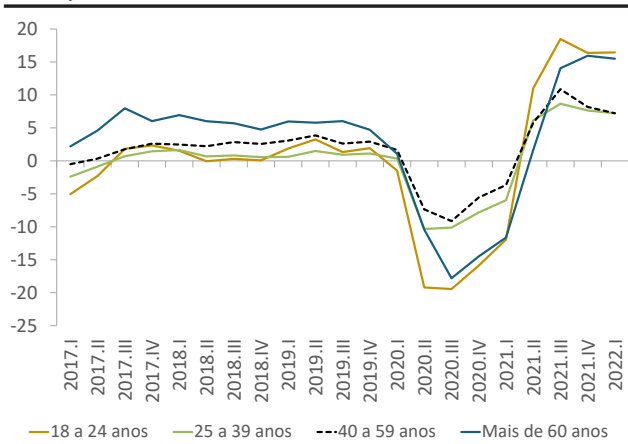
TABELA 1  
Taxa de desemprego  
(Em %)

	2019				2020				2021				2022
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.
Brasil	12,8	12,1	11,9	11,1	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1
Centro Oeste	10,9	10,4	10,2	9,5	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5
Nordeste	15,4	14,8	14,6	13,8	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9
Norte	13,2	12,0	11,9	10,7	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7
Sudeste	13,3	12,5	12,0	11,5	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1
Sul	8,2	8,1	8,2	6,8	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5
Masculino	10,9	10,3	10,0	9,2	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1
Feminino	15,3	14,5	14,3	13,4	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7
18 a 24 anos	26,6	25,1	25,1	23,2	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8
25 a 39 anos	11,7	10,9	10,6	10,1	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2
40 a 59 anos	7,5	7,2	7,1	6,5	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1
Mais de 60 anos	4,5	4,9	4,6	4,2	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3
Não de Chefe Família	16,7	15,7	15,2	14,1	15,5	16,9	18,4	17,7	18,6	17,8	15,7	13,6	13,5
Chefe de Família	8,0	7,8	7,8	7,3	8,4	9,7	10,6	9,8	10,4	9,8	8,7	8,0	8,2
Fundamental Incompleto	11,6	11,2	11,4	10,6	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8
Fundamental Completo	14,1	14,1	14,0	12,5	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2
Médio Incompleto	21,9	20,2	20,5	18,4	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3
Médio Completo	14,5	13,6	12,9	12,2	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7
Superior	8,6	8,1	7,7	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1
Região Metropolitana	14,4	13,9	13,5	12,7	13,9	16,0	17,7	17,1	17,1	16,3	14,9	13,1	13,1
Não Região Metropolitana	11,7	10,7	10,6	9,8	11,2	11,8	12,7	12,0	13,2	12,6	10,9	9,6	9,6

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

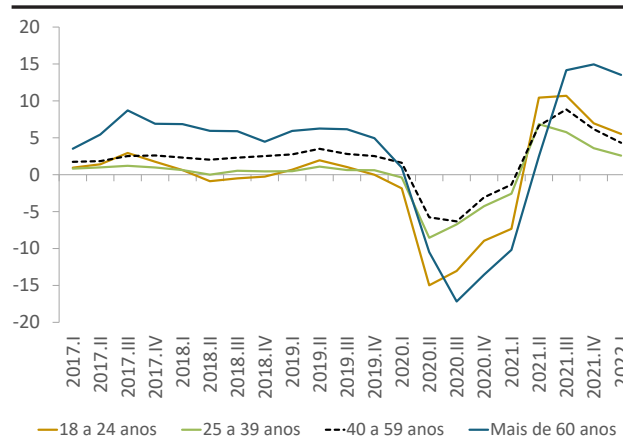
GRÁFICO 20  
População Ocupada - por faixa etária  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 21  
População Economicamente Ativa - por faixa etária  
(Variação interanual, em %)



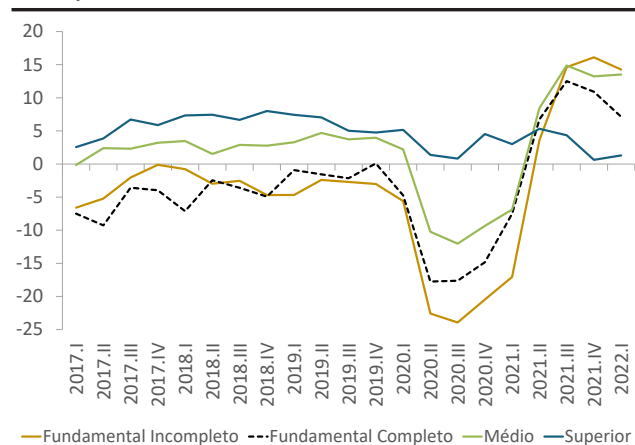
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, a desagregação por grau de escolaridade também sinaliza uma queda generalizada da desocupação no primeiro trimestre de 2022, refletindo uma expansão da ocupação (gráfico 22) em ritmo superior ao observado na foça de trabalho (gráfico 23) para todos os níveis de instrução. Os microdados da PNAD revelam que,

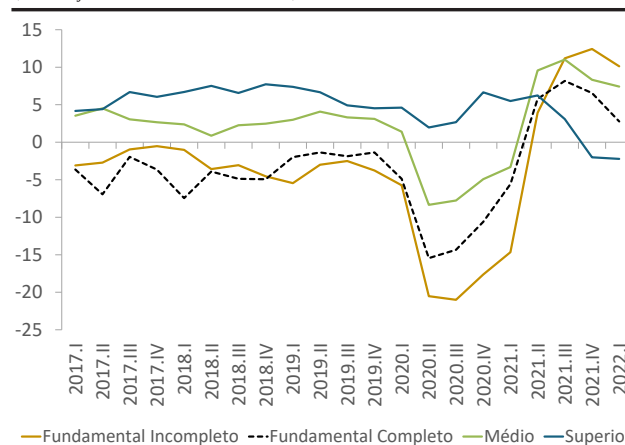
embora as maiores taxas de expansão da ocupação tenham ocorrido nos segmentos fundamental incompleto (14,3%) e médio (13,5%), em termos relativos, a queda mais acentuada da desocupação, novamente, aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior. Entre o primeiro trimestre de 2021 e o primeiro trimestre de 2022, a desocupação dos trabalhadores mais escolarizados caiu 31%, recuando de 10,3% para 7,1%, refletindo a queda de 2,2% da sua força de trabalho, tendo em vista que a ocupação cresceu apenas 1,3% no período.

**GRÁFICO 22**  
**População Ocupada - por grau de instrução**  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 23**  
**População Economicamente Ativa - por grau de instrução**  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 4 Emprego setorial

No início de 2022, nota-se que a continuidade do processo de recuperação nos setores mais sensíveis às medidas de afastamento social, que já vinha sendo delineada desde meados do ano passado, se alastrou para os demais segmentos, tendo em vista que o crescimento interanual do primeiro trimestre do corrente ano é positivo para todos eles, com seis deles crescendo mais de 10% (tabela 2). Os destaques positivos para o primeiro trimestre ficam por conta dos setores de alojamento e alimentação (32,5%), serviços pessoais (19,5%) e serviços domésticos (19,4%), sendo que para os dois primeiros trata-se do maior valor da série histórica. O setor de comércio obteve o maior crescimento anual em valores absolutos, acrescentando aproximadamente 2 milhões de trabalhadores à sua força de trabalho neste intervalo de um ano, seguido pelo alojamento e alimentação, com um aumento estimado de 1,3 milhão de trabalhadores.

Já a tabela 3, que mostra a variação anual por setores no primeiro trimestre de 2022 desagregada por posição na ocupação, indica que o resultado positivo do último trimestre alcançou não apenas a maior parte dos setores, como também foi registrado tanto no mercado formal como o informal.

A população ocupada que se identifica como conta própria, ou seja, não é empregada por outro indivíduo ou empresa, registrou aumento anual na maioria dos setores. Os trabalhadores por conta própria dos setores de alojamento e alimentação, e serviços pessoais cresceram mais de 20% no ano, o que equivale a mais de 400 mil trabalhadores no primeiro caso e mais de 500 mil trabalhadores no segundo caso. O resultado de 43% no setor de indústria extrativas tem por base uma população estimada pequena – aproximadamente 10 mil trabalhadores – e, portanto, deve ser considerado com cautela.



TABELA 2

**População ocupada por setores: variação interanual (1º trim./2020-1º trim./2022)**  
(Em %)

	1º trim. 2020	2º trim. 2020	3º trim. 2020	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021	3º trim. 2021	4º trim. 2021	1º trim. 2022
Agricultura	-1.7	-7.8	-2.7	2.1	3.6	11.2	9.7	4.5	2.5
Indústria Transformação	1.6	-9.9	-10.5	-7.3	-5.2	5.3	12.8	9.1	8.2
Indústria Extrativa	11.0	9.7	-4.9	-11.3	-11.6	-4.8	5.0	12.1	9.8
SIUP*	4.0	-10.6	-16.5	-26.3	-19.2	-18.6	-13.0	8.1	6.5
Construção Civil	-2.3	-18.8	-14.7	-9.3	-2.5	22.2	20.1	17.4	12.7
Comércio	-0.7	-12.6	-12.7	-10.3	-8.2	6.1	13.4	11.6	12.2
Informática, Financeira, Serviços a empresas	1.6	-4.7	-6.8	-0.8	0.9	9.1	10.4	7.2	4.0
Transporte	2.0	-9.9	-14.0	-11.5	-9.0	4.6	12.6	10.0	10.4
Serviços Pessoais	2.3	-17.6	-20.5	-18.3	-17.4	3.5	8.8	14.7	19.5
Administração Pública	0.3	3.2	1.3	1.9	-3.0	-3.0	-3.7	-2.4	2.6
Saúde e Educação	4.8	-0.1	-5.4	-2.1	-0.6	-0.2	4.3	3.1	1.5
Alojamento e Alimentação	-1.3	-26.1	-30.3	-27.6	-26.3	8.8	26.5	23.9	32.5
Serviços Domésticos	-2.1	-25.6	-27.8	-23.8	-18.6	9.0	21.3	21.7	19.4

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: \* Serviços industriais de utilidade pública.

TABELA 3

**População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (1º trim./2022)**  
(Em %)

	Novo Caged <sup>1</sup>	Com Carteira <sup>2</sup>	Sem Carteira <sup>3</sup>	Conta-Própria
<b>Total</b>	<b>6.09</b>	<b>6.9</b>	<b>17.9</b>	<b>7.3</b>
Agricultura	7.5	11.3	5.3	-3.3
Indústria Transformação	4.9	8.6	14.0	5.2
Indústria Extrativa	4.5	7.7	29.4	43.8
SIUP	3.6	12.5	-6.6	-30.4
Construção Civil	16.1	13.3	15.8	10.0
Comércio	6.8	12.5	18.3	8.9
Informática, Financeira, Serviços a empresas	10.0	5.5	11.1	-4.0
Transporte	6.4	10.5	15.1	10.0
Serviços Pessoais	14.0	17.4	18.1	20.9
Adm. Pública	0.3	-2.1	23.3	-
Saúde e Educação	2.8	-2.0	22.9	3.9
Alojamento e Alimentação	17.7	29.5	44.9	23.0
Serviços Domésticos	-	11.5	22.2	-

Fonte: PNAD Contínua/IBGE; Novo Caged/Ministério da Economia.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Normalizado pela população estimada pela PNAD Contínua de trabalhadores formais do primeiro trimestre de 2021.<sup>2</sup> Empregados com carteira, militares e estatutários.<sup>3</sup> Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração.

Os empregados informais, ou seja, aqueles que não possuem carteira assinada, também apontaram crescimento anual em todos os setores, à exceção de SIUP. Nota-se que, dos treze setores analisados, onze registraram aumentos de empregados formais acima de 10%, com destaque para alojamento e alimentação (44,9%), saúde e educação (22,9%) e serviços domésticos (22,2%). Este último, devido à grande taxa de informalidade no setor, indica a entrada de mais de 700 mil trabalhadores no serviço doméstico no correspondente intervalo

de um ano. O setor da indústria extrativa apresentou um aumento na sua população sem carteira de 29,4%, mas novamente deve ser levada em consideração a pequena base de cálculo (em torno de 10 mil empregados). Finalmente, merece destaque os setores de administração pública, e saúde e educação onde, de acordo com a PNAD Contínua, o emprego formal contraiu-se, simultaneamente a um expressivo crescimento do emprego sem carteira assinada.

Ainda de acordo com as informações da PNAD Contínua, apenas os setores de administração pública, juntamente com saúde e educação, não apresentaram crescimento anual de seus empregados formais: ambos registraram queda de aproximadamente 2% no ano. O destaque novamente cabe ao setor de alojamento e alimentação, que continua sua trajetória de recuperação após as fortes quedas de 2020. Serviços pessoais e construção civil tiveram crescimento no mercado formal, acompanhando os resultados positivos registrados no mercado informal no primeiro trimestre de 2022. O setor de comércio também apresentou forte resultado positivo de 12,5% no ano, o que significa um aumento de mais de 950 mil trabalhadores com carteira. De acordo com a PNAD Contínua, esse é o setor com a maior população de trabalhadores com carteira no Brasil.

Finalmente a tabela 3 incluiu o saldo do Novo CAGED, normalizado pela população estimada de trabalhadores formais do mesmo trimestre do ano anterior, como outra fonte de análise do comportamento do trabalho formal por setores agregados. Via de regra, os resultados são positivos e seguem o mesmo padrão da PNAD Contínua. Os setores de alojamento e alimentação (17,7%), construção civil (16,1%) e serviços pessoais (14%) repetem o forte crescimento observado na pesquisa do IBGE. O setor que mais acrescentou vínculos com carteira foi o de Informática, financeiro e serviços a empresas, com saldo de mais de 650 mil vínculos nos últimos doze meses.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)  
Fábio Servo  
José Ronaldo de Castro Souza Júnior  
Leonardo Mello de Carvalho  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Sandro Sacchet de Carvalho

**Pesquisadores Visitantes:**

Ana Cecília Kreter  
Andreza Aparecida Palma  
Antônio Carlos Simões Florido  
Cristiano da Costa Silva  
Felipe Moraes Cornelio  
Paulo Mansur Levy  
Sidney Martins Caetano

**Equipe de Assistentes:**

Alexandre Magno de Almeida Leão  
Caio Rodrigues Gomes Leite  
Diego Ferreira  
Diego Rosalino Marques  
Felipe dos Santos Martins  
Izabel Nolau de Souza  
Marcelo Lima de Moraes  
Pedro Mendes Garcia  
Rafael Pastre  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges  
Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---